

Um lugar sem voz - a destituição simbólica do lugar ocupado por destinatários de projetos de cunho social e o recurso à citação como anulação de uma fala própria¹

Cíntia Liesenberg²

Professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e
Faculdade de Americana

Resumo

Este artigo baseia-se na pesquisa de mestrado concluído em 2004. Tem como objetivo apresentar uma leitura de matérias em torno de iniciativas de cunho social em que se destaca situação peculiar: a citação das palavras da população que constitui-se como destinatária desses projetos encobre processo de exclusão de uma fala própria do lugar que ocupam, na legitimação da cena enunciativa e instâncias privilegiadas da enunciação. Esta corrobora uma destituição generalizada do topos e aponta para o processo de escolha que se opera no jornalismo como em qualquer produção simbólica (2000 : 83) e para a importância de se atentar para as possíveis faces excluídas do relato, principalmente quando se opera com textos que falam em nome da mobilização social, considerando que os discursos “ordenam nossas formas de ver o mundo e agir nele” (Gomes, 2002 : 27).

Palavras-chave

Ciências da linguagem, análise de discurso, imprensa, cidadania, terceiro setor

Apresentação

O presente artigo é um recorte da pesquisa de mestrado (Liesenberg, 2003) que visou trazer elementos para um olhar mais aprofundado sobre o debate promovido pela imprensa em torno de iniciativas do *terceiro setor*³, como um discurso em valorização na sociedade

¹ Texto apresentado ao Núcleo de Pesquisa [15] - Semiótica da Comunicação do, V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestre em Ciências da Comunicação pelo departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ex-bolsista pela Capes. E-mail: cintialie@uol.com.br

³ De acordo com a conceituação de Rubem César Fernandes, autor que é referência para o assunto no país, “pode-se dizer que o ‘Terceiro Setor’ é composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não-governamental, dando continuidade às práticas tradicionais da caridade, da filantropia e do

contemporânea em nome da atuação privada, com finalidade não lucrativa e voltada para o “bem comum”, interesse público e também em nome da cidadania.

Para compreender o cenário construído a partir da divulgação jornalística sobre a temática, o trabalho toma como objeto os jornais Folha de S. Paulo e Correio Popular que circulam em Campinas - SP; mais especificamente a “Coluna Social” (Folha de S. Paulo) e o “Projeto Cidadão 2001” (Correio Popular – Campinas-SP)⁴, por tratarem-se de publicações que, além de conferirem exclusividade à temática, são apresentadas como ações da empresa jornalística como contribuição à sociedade e à promoção de causas sociais.

Na “Coluna Social” destacam-se dois tipos de cenas em que se apóia este estudo: a) uma, pauta-se pelo relato de visita de uma “celebridade” convidada pela coluna a conhecer e colaborar com a instituição visitada; b) a outra, relaciona-se à apresentação de iniciativa comunitária, cujo enfoque é voltado para projetos desenvolvidos por pessoas cuja origem se assemelha à situação dos destinatários. Foram analisadas as matérias publicadas pela coluna de agosto de 2001, quando se iniciou o levantamento, até dezembro do mesmo ano.

Em relação ao “Projeto Cidadão 2001”, julgou-se pertinente as matérias que descreviam os projetos vencedores do ano, pois materializam discursos de ações a serem seguidas.

Neste artigo buscou-se apresentar parte da análise focada no lugar conferido aos *Destinatários* dessas iniciativas, pelo seu papel de instância que justifica as ações realizadas e por apresentar rico material para análise dos processos sógnicos, em que destaca-se situação peculiar em que a citação de palavras dos atores que o constituem o topos mascara processo de exclusão de uma fala própria do lugar que ocupam, na legitimação da cena enunciativa e enunciação. De início apresenta-se a fundamentação teórica e metodologia empregada, seguindo com o resultado da análise e conclusão

Apoio teórico e desenvolvimento da metodologia de estudo

mecenato e expandindo o seu sentido para outros domínios, graças, sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil” (1997 : 27).

⁴ Ambas as seções foram motivadas pela instauração pela ONU de 2001 como o Ano Internacional do Voluntariado, sendo o Brasil um dos países que aderiu mais fortemente à campanha. A “Coluna Social” é uma seção que foi publicada como parte do caderno semanal “Folha Equilíbrio, da Folha de S. Paulo durante os anos de 2001 e 2002. O “Projeto Cidadão 2001”, divulga e premia com um troféu as quatro melhores iniciativas divulgadas durante o ano e, desde então, recebe edições anuais. É promovido pela RAC (Rede Anhangüera de Comunicação), da qual faz parte o jornal Correio Popular, e conta com o apoio da distribuidora de energia elétrica regional, a CPFL (Companhia Paulista de Força e Luz).

O presente estudo apóia-se nas linhas das Ciências da Linguagem que têm como principais pressupostos uma visão de sujeito não soberano e constituído pela linguagem. Nesses termos, toma o homem como ser social que habita a ordem simbólica e é atravessado por discursos (Kristeva, 1994 : 17).

Neste domínio, recorre-se à Análise de Discurso de linha francesa, na visão de Dominique Maingueneau, e foco no estudo da enunciação e na identificação da cena enunciativa. Esta permite a articulação entre a organização lingüística do texto e sua instauração como evento verbal no mundo (Maingueneau, 2001 : 229), o que implica um percurso de análise que inscreva o discurso jornalístico no cenário maior de sua produção.

Com base nesse preceitos, foi elaborada metodologia de forma a possibilitar uma análise fecunda dos sentidos que circulam na imprensa em torno da temática em estudo. A partir do contato inicial com o *corpus* e da triagem de ocorrências acerca da divulgação sobre as iniciativas em questão, obteve-se como resultado um mapeamento que permitiu identificar os principais atores constitutivos desse cenário, as relações que estabelecem entre si, bem como, a definição do *corpus* final de análise.

A metodologia é elaborada com base no preceito de que a identidade se constitui a partir e no interior de um sistema de lugares que ultrapassa o indivíduo (Maingueneau, 1989 : 32-33), e, pela correlação entre variáveis comuns⁵, visa mostrar, a caracterização da topografia relativa aos principais atores inseridos no discurso e práticas circunscritas pelo conceito do *terceiro setor*. São estes: a) agente mobilizador: no qual se inscrevem os gestores e responsáveis pelas organizações e iniciativas do segmento; b) instâncias de apoio: elementos que colaboram e formam uma rede de auxílio, manutenção e desenvolvimento dessas ações de cunho social; c) instituição midiática: em que se posicionam o grupo editorial, a publicação e os jornalistas que nela atuam;) destinatários: população “assistida” pelos projetos e iniciativas.

⁵ Na procura por elementos que pudessem ser indicativos desses lugares, recorre-se a Lévi-Strauss (1989 : 237-265). O quadro elaborado pelo autor sobre o mito Cinderela/Ash-boy (ibid. : 260-261) inspira a esquematização para o levantamento de variantes comuns entre os textos apresentados, na busca de aspectos importantes e constitutivos da topografia a ser identificada. As variáveis são subdivididas nos seguintes tópicos: caracterizações individuais do sujeito que ocupa o *topos*; Representação das relações sociais e caracterização do cenário/ambiente ao qual se relaciona; Relações com o projeto apresentado e Forma de participação social.

Dessa forma, a análise do *corpus* final inicia-se pelo mapeamento das variáveis em relação aos lugares constitutivos da topografia em estudo e conclui-se com a apresentação dos resultados segmentados por uma parte descritiva, que aponta as recorrências observadas, e outra interpretativa, que se apóia em diversos pesquisadores ligados ao estudo da sociedade moderna e pós-moderna, no comentário aos principais resultados encontrados. O trabalho que aqui se apresenta pauta-se por aspectos salientados principalmente durante o processo de análise desenvolvido em torno do último *topos* mencionado: isto é: o lugar conferido aos *Destinatários* das iniciativas do campo.

Lugar sem voz que justifica as ações desenvolvidas e legitima a enunciação

Pelo que se observou, apesar de ser elemento que justifica a cena enunciativa, já que as iniciativas divulgadas são feitas em seu nome, ou em nome de um auxílio aos mesmos, os *Destinatários* das ações ocupam um lugar secundário na enunciação, na legitimação de uma outra instância prioritária, seja ela ocupada pelos gestores dos projetos, instâncias de apoio, ou mesmo a própria instituição midiática.

É um *topos* que, em geral, vive dois momentos bem marcados na narrativa: inicialmente se constrói uma cena de destituição em torno do mesmo e de seu ambiente, para em seguida ser depositário de uma supervalorização, como aquele que se tornou habilitado para cuidar de si e salvar o mundo, após estarem inseridos ou terem passado pela iniciativas.

Assim, os *Destinatários* são a razão de ser dos projetos: fala-se sobre eles, incluem-se comentários sobre sua vida, família e ambiente, mas sua palavra é restringida. Seu lugar na cena leva à abordagem de Michel Foucault (1996) ao comentar os processos de exclusão e coerção que integram a ordem do discurso.

Para ele, o mais evidente e familiar procedimento de exclusão é a interdição: não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância e qualquer um não pode falar de qualquer coisa (Foucault, 1996 : 9).

Nas matérias em estudo, essa exclusão assume outra feição: apesar de a palavra dos *Destinatários* ser aparentemente concedida, e visível no enunciado por meio de citações diretas e menções indiretas, somente entra no discurso se satisfizer a condição de validação da cena enunciativa em torno da elevação do *topos* de destaque, isto é, apesar de não ser explicitamente interdita, essa voz sofre também um processo de anulação. Como salienta o autor, o fato de que se dê atenção à determinada palavra não quer dizer que esta não

esteja segregada. Ele observa que, durante séculos, na Europa, “a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade.[...] De qualquer modo excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia” (Foucault, 1996 : 11).

Em relação aos *Destinatários* dos projetos narrados verifica-se aqui uma exclusão que não somente separa e rejeita, mas anula ao incluir: um processo de exclusão mascarado por sua citação. Na maioria das vezes, quando ouvida, é uma palavra que não existe por si, que está lá apenas para legitimar outras falas e discursos, sendo outras possíveis faces “rejeitadas, tão logo proferidas”, pois ausentes do relato: o comentário desse *Destinatários* é sempre uma interpretação favorável dos projetos desenvolvidos, algo que positiva tais ações e as falas de instâncias de apoio e agentes mobilizadores, e conseqüentemente endossa a iniciativa da instituição midiática em divulgá-los. Essa questão é evidenciada quando, na Coluna Social, a citação dos destinatários valoriza a visita e a importância do convidado da Coluna. Já na seção Cidadão 2001, o enaltecimento é dirigido para o agente mobilizador ou para a iniciativa que este desenvolve, como se exemplifica a seguir:

“Neste momento, as crianças ensaiam a coreografia ‘Danças da Ilha da Santa Cruz’, em que contam a história do país desde o descobrimento, misturando vários estilos de música e dança, como maculelê, xaxado, quadrilha e dança de rua. ‘Nunca esperei dançar. Achava que só filhinha de mamãe podia. No começo, achei difícil, mas isso só me deu mais vontade de continuar. Tô até indo melhor na escola’, diz Mônica Carvalho, 13” (Coluna Social, 15/11/2001)

‘O tae kwon do está tomando o tempo livre em que eu poderia estar nas ruas, exposto às violências, essas coisas’, diz o pequeno grande Ederson” (Cidadão 2001, 15/08/2001) .

Assim, nos casos em estudo, pode-se dizer que a palavra dos *Destinatários*, como a palavra do louco, só lhe é dada simbolicamente (Foucault, 1996 : 12), mas aqui como elemento que justifica e endossa uma cena da qual efetivamente não participa, ou, na qual figura como pilar que justifica e contribui para a validação de uma determinada abordagem restrita.

Tal situação se assemelha ao que Kothe afirma sobre a produção literária brasileira no passado. Nesta, segundo ele, havia uma limitação do horizonte dos autores que “tendiam a se centrar no topo da sociedade: os agrupamentos marginais – como índios, imigrantes ou mulatos – , quando apareciam, faziam-no mais como alegorias do que como portadores de seu próprio significado” (Kothe, 2000 : 67).

Destituição generalizada e valorização dos projetos

A leitura das matérias leva a pensar nessa destituição de um fala própria como elemento narrativo que compõe um processo maior de depreciação do lugar ocupado pelos *Destinatários*, mais especificamente no quadro narrativo que antecede a participação destes nos projetos organizados em seu nome, em que percebem-se outras formas de depreciação relacionadas principalmente a condições instáveis de vida, como a precariedade do ambiente e de relações sociais, além, de condições psicológicas ou comportamentais, e valores que os permitiriam viver em sociedade, como demonstram os trechos abaixo:

“ ‘Aquele rapaz, eu o encontrei se afogando numa enchente embaixo de um viaduto. Aquele outro é jovem, mas tem uma neurose, um desespero. Tem um que era empresário na época do Collor. Perdeu tudo, tudo. Foi pra camisa-de-força, enlouqueceu e não pode ouvir falar desse plano.’ Enquanto passeia pela chácara do Centro de Terapia Luiza (CTL), Berenice Vieira dos Santos vai apontando para os pacientes que circulam serenamente pela área e contando um pouco da história de cada um. Ali, ela atende 54 adultos dependentes de drogas e álcool, esquizofrênicos e idosos carentes. [...]” (Coluna Social, 08/11/2001).

“Para que a criança e o adolescente saído da ‘situação de rua’ se encontre ou se reencontre como ser social, lembra o fundador e diretor da Missão Caminho Pra Liberdade, ‘é preciso que ele vá aprendendo os valores que perdeu ou que nunca teve, como o do respeito por si e pelo outro, da responsabilidade, da boa convivência, do perdão, da própria calma de viver’ ” (Cidadão 2001, 24/10/2001).

Pela apresentação que lhes é inerente, são tidos como aqueles que precisam passar por um processo de amparo, tutela, esclarecimento, adequação e/ ou ajustamento para que possam integrar uma vida em sociedade:

[...] uma das mais novas ONGs da cidade, a Acadef (Associação Comunitária de Assistência ao Deficiente Físico), criada [...] para tirar o deficiente de casa e integrá-lo à escola e ao mercado de trabalho (Coluna Social, 30/08/2001).

Na Missão, as crianças e adolescentes são, logo que chegam, alvo de um trabalho de adaptação para que retornem à escola, como primeiro passo de sua reinserção social completa, “que muitas vezes é difícil, com idas e vindas”, diz Gerre. Mas todas acabam sendo reintegradas às suas famílias quando isso é possível, ou pelo menos devolvidas à sociedade em plenas condições de viver uma vida normal, como as das demais pessoas.

Geralmente quando há uma fala dos agentes mobilizadores e instâncias de apoio em relação aos *Destinatários*, a estes é relacionada uma auto-imagem negativada no discurso, a qual é ou deve ser alterada pela participação nos projetos ou após o auxílio recebido:

“A própria Magic Paula não resistiu e pegou uma cadeira emprestada para jogar uma partida. ‘O grande lance é fazer com que o esporte mostre que eles são cidadãos comuns. Eles têm contato com o mundo, sentem-se úteis, [...]’ ” (Coluna Social, 20/09/2001).

“[...]os advogados professores de cidadania têm, também, a preocupação em resgatar a auto-estima do aluno, principalmente quando estão diante de uma classe de alunos carentes. [...] Buscamos despertar neles a vontade de ter um sonho, seja fazer uma faculdade ter uma profissão, uma família, buscando ao mesmo tempo que eles despertem para o amor e para o respeito ao próximo’, diz Cássia” (Cidadão 2001, 29/08/2001).

Na caracterização desta cena inicial é importante mencionar recorrente menção à condição de pobreza e associação aos aspectos acima abordados como mais um elemento depreciador do lugar conferido aos *Destinatários*. Na matéria “Fotógrafa faz ‘retrato social’ de mulheres” (Coluna Social, 02/08/2001), fala-se em “mulheres sem recursos financeiros, vítimas de maus-tratos domésticos”. Naquela intitulada “Herchcovitch e a turma de garotos fina estampa” (Coluna Social, 18/08/2001), texto de apenas cinco parágrafos, tem-se no primeiro deles: *estampas de camisetas produzidas [...] por jovens de famílias de baixa renda*. E no terceiro: *No encontro com os alunos da oficina, todos de famílias de baixa renda[...]*. A recorrência prossegue em todas as matérias analisadas, tanto na “Coluna Social”, como na seção “Cidadão 2001”, de onde selecionou-se mais um exemplo:

“ ‘Quando falamos carentes estamos falando carentes de tudo: de espaço, de carinho, de roupas, de comida. Muitas das famílias que visitamos estão em situação deprimente. [...]’, lembra Luciana Aparecida Fortunato, cozinheira da Casa da Criança Luz do Amanhecer e braço direito de dona Nair’ (Cidadão 2001, 05/09/2001).

Ao se pensar na legitimação do valor dos projetos e iniciativas na narrativa, a questão sobre a associação com a idéia de pobreza e destituição do ambiente é agravada quando se considera a afirmação de Telles (2001 : 57), de que o problema da igualdade, quando toma como referência básicos sujeitos inseridos em uma “pobreza absoluta”, parece ser esgotável em se garantir que estes tenham acesso ao que é mínimo para a sobrevivência. O que se pode inferir contribui para a valorização de qualquer tipo de projeto voltado para essas classes pauperizadas e subalternizadas. E ao se considerar a afirmação de Bauman, de que “Quanto mais escuro o segundo plano, mais reluzente o brilho” (1998 : 119), aponta-se para o poder simbólico dessa destituição como reforço do valor dos projetos dirigidos a esta população.

Da destituição generalizada ao papel de salvadores do mundo

Ao passar pelos projetos ou serem incluídos em uma dessas iniciativas, no entanto, a narrativa muda de foco, como se fosse operada uma transformação, uma metamorfose.

Do cenário construído em torno da carência e miséria, financeira, afetiva, social e de falta de possibilidades diante da vida, passam por um processo em que parece natural a mudança de condição, deslocando-se para uma posição em que tornam-se aptos a viver no mundo dos incluídos. Mudança que, por vezes, aparece como imediata. Essa transposição se acentua em trechos que demonstram que a participação nas iniciativas faz do sucesso uma imposição de vida, sendo que, em alguns casos, lhes é conferida a incumbência ou responsabilidade para mudar e melhorar o mundo.

“Com sua câmera, a fotógrafa Evelyn Ruman ajuda a recuperar a auto-estima de mulheres internadas em instituições. [...] Depois que todas pintaram suas fotos, Evelyn pediu que avaliassem os retratos. ‘Estou me sentindo bem depois de pintar o retrato. Eu mesma não me valorizava. Descobri que eu ainda existo’, disse M. ‘A gente se enxerga de uma maneira diferente. Vê como gostaria de ser, e fica mais fácil mudar depois [...]’, afirmou J.” (Coluna Social, 02/08/2001).

“Esse trabalho ensina as crianças a serem cidadãs e as faz perceber que, da mesma maneira que podem contar uma história com o corpo, também podem mudar o mundo com o corpo”, diz Valverde (Coluna Social, 15/11/2001).

Juntas, elas criaram um projeto que busca informar as crianças e adolescentes [...] sobre os seus direitos e deveres como cidadãos e como podem, desde já, contribuir para melhorar a sociedade em que vivem (Cidadão 2001, 29/08/2001).

Nessa idéia de inclusão que, se observa, se sustenta na assimilação de valores morais e capacitação técnica, destacam-se as cenas focadas na ratificação de que tais iniciativas compensam as restrições sofridas por essa população no que se refere à preparação para sua empregabilidade, o que se apresenta como a grande solução para os problemas de seus *Destinatários*. Como se a falta de empregos ou trabalho remunerado se relacionasse apenas à falta de acesso à capacitação e às oportunidades existentes para tanto, como o exemplo demonstra.

“Como Herchcovitch no início de carreira, os jovens que passam pela oficina de serigrafia da APBM&F saem formados em ‘estilista de garagem’, além de descobrirem que criar camiseta pode ser uma saída simples para quem não tem emprego. Basta vontade e criatividade” (Coluna Social, 16/08/2001)

Aqui, lê-se que a responsabilidade sobre o sucesso profissional é depositada nas mãos desses jovens de famílias de baixa renda, mas, agora, capacitados para vencer na vida. Uma

vez tecnicamente preparados, a mudança só depende deles. Como enfatiza o último trecho transcrito.

Pode-se dizer assim que esse papel conferido aos projetos aponta para o caráter simplista dessa narrativa quando comparada às análises apresentadas no segundo volume do Atlas da Exclusão Social do Brasil:

“a exclusão social [...] somente pode ser entendida a partir de uma compreensão da dinâmica geradora de excluídos sociais, de ‘desestabilização dos estáveis’ que traz para parcelas crescentes da sociedade brasileira sua ‘instalação na precariedade’. Dessa forma, ao conjunto dos tradicionais ‘despossuídos’ do passado, agora se junta uma legião de ‘deserdados’, às vezes com níveis médios de instrução relativamente elevados, em virtude do crescente fracionamento da antiga classe média” (Campos, et. al., 2003 : 54).

O que se complementa e acentua ao considerar as afirmações de Bauman quando diz que “as melhorias econômicas já não anunciam o fim do desemprego. Atualmente, [...] o progresso tecnológico e administrativo é avaliado pelo ‘emagrecimento’ da força de trabalho, *fechamento* de divisões e *redução* de funcionários” (1998 : 50 – grifos do autor)⁶.

A apresentação dos projetos, como a restituição das oportunidades que faltavam a esses *Destinatários* pela condição de pobreza em que se inserem reforça a idéia de que, a partir daí, sua inclusão nesse segmento positivado da sociedade só depende de um esforço individual. Conduz ainda a algo de fundo moral, que se impõe como agradecimento pela participação nos projetos ou iniciativas, em que se implica a necessidade de diferenciação daquela massa de carentes, na qual está inscrita sua origem e sua história.

Para Telles (2001 : 80):

“não é irrelevante o fato de que a oposição entre “trabalhador” e “pobre”, entre “trabalhador” e “marginal” – categorias que discriminam ordem e desordem e constróem a figura exemplar do “trabalhador honesto” que se salva pelo seu labor e cumprimento dos deveres, da poluição moral da pobreza – ganhe forma nesse peculiar rito da vida social que é o trabalho [...]. Rito social que revela o que Bourdieu (1982) define como poder simbólico da nomeação que cria identidades sociais, que faz indivíduos, grupos ou classes existirem socialmente,

⁶ Como exemplo, em entrevista ao Programa Roda Viva, exibido pela TV Cultura em 11/08/2003, Pinheiro Neto – Presidente da Anfavea e Vice-presidente da General Motors declara a redução de empregos como uma realidade que deve ser encarada em virtude do desenvolvimento tecnológico e necessidade de modernização da indústria. Justamente quando o governo federal reduzia alíquota de impostos para a indústria automobilística, visando redução de preços ao consumidor final, como estratégia para evitar demissões pela queda de vendas no setor.

que lhes atribui um modo de ser em sociedade, mas que, no mesmo ato, joga para uma existência bastarda, indiferenciada, todos os que não foram ungidos pelo poder do nome”.

Ela aponta que – diante dos pobres situados num espaço de miséria , os quais não têm um ponto fixo de ancoragem como um emprego regular, outros tidos como “pobres, porém honestos”, percebem-se como sujeitos que foram capazes de garantir uma dignidade para suas vidas, “apesar da pobreza”, “através da família unida, da casa limpa e bem cuidada, da boa aparência e da cordialidade de seus comportamentos. Símbolos de uma vida digna e ‘bem-sucedida’ [...]” (Telles, 2001 : 83).

Sobre a implicação dessa situação para os direitos sociais assistidos em lei, vale completar com a afirmação de Bauman de que “os dispositivos de previdência, antes um exercício dos direitos do cidadão, transformaram-se no estigma dos incapazes e imprevidentes” (Bauman, 1998 : 51).

Dessa forma, verifica-se como além de simplificarem as dificuldades sociais apresentadas essas narrativas atenuam as situações de conflito presentes na sociedade brasileira. Chauí comenta que esta é uma sociedade na qual a luta de classes é identificada apenas com os momentos de confronto direto – “situação na qual é considerada ‘questão de polícia’ – sem que se considere sua existência cotidiana através das técnicas de disciplina, vigilância, repressão, realizadas por meio das próprias instituições dominantes – isto é, quando a luta de classes é encarada como questão de política” (Chauí, 1986 : 56).

E assim, pode-se inferir a essas matérias um discurso de multiplicação de um padrão de ação social que exclui o debate, a deliberação, o conflito e o respeito pelas diferenças e experiências de vida desses *Destinatários*, vistos apenas como aqueles oriundos de um meio e origem precários, inadequados, dos quais devem ser salvos.

Nesse percurso, em que a fala dos *Destinatários* corrobora para um determinado sentido à enunciação na valorização dos projetos, e assim também, ao próprio lugar ocupado pela instituição midiática em oferecer colunas específicas para a divulgação do tema, como demonstração de seu compromisso social, buscou-se outros elementos que contribuíssem para legitimar a idéia de uma fala restrita em torno do lugar ocupado por esses *Destinatários*.

Como adendo, salienta-se aqui a importância dessa linha de análise, que mesmo ao tomar *corpus* lingüísticos, no entanto não se fecha no seu interior, permitindo a busca de

elementos externos para validação dos aspectos nele observados e correlação com o contexto de produção dos discursos que o integram.

Em sua tese de doutorado Eder Sader estuda os clubes de mães: movimento social que ocupa lugar de destaque entre aqueles ocorridos em São Paulo, nos anos de 1970. A partir dele, pode-se contrapor a enunciação das matérias em estudo, quando estas trazem as falas de *Destinatários* apenas como comprovação das iniciativas motivadas pela virtude, solidariedade e caridade alheias, como efetivas benesses.

O autor menciona informações que apontam a existência de clubes de mães pelo menos desde o final da década de 1950, quando algumas mulheres previamente capacitadas “ensinavam outras, pobres e necessitadas, a bordar, costurar, e fazer outros trabalhos manuais, além de transmitir instruções de higiene e saúde” (Sader, 1987 :198). Porém, é a partir do início da década de 1970 que esses clubes de mães começam a ser organizados pelas “bases” (id.), pode-se dizer, pelas próprias *Destinatárias* dos projetos desenvolvidos.

Sader (id.) traz o depoimento de uma das participantes do movimento (Odette). Ela afirma que no início havia mulheres vindas de fora para dar aulas de bordado, culinária, higiene e educação. Sobre a relação entre a entrevistada, as demais participantes dos projetos e essas mulheres, ele comenta:

“Ela sabe que essas mulheres eram do Lions Club e que tinham chegado dizendo ao padre que queriam ‘fazer o bem, alguma coisa pelos outros’. Lembra que elas vinham uma vez por semana [...] traziam tudo que elas podiam imaginar e ainda traziam pessoas para cuidar das crianças enquanto elas se reuniam. Os trabalhos artesanais feitos nessas aulas eram depois vendidos em lojinhas especializadas, em lugares e esquemas que elas desconheciam. A ação de benevolência estabelecia uma tal distância entre assistentes e assistidas, que estas mantinham um misto de gratidão e suspeita acerca da motivação das primeiras” (Sader, 1987 : 198-199).

Nesse histórico, vale destacar alguns trechos do depoimento daquela entrevistada transcritos por Sader, pelo contraponto que fazem em relação às matérias em estudo:

‘E então depois elas vendiam e eu não sei a que fins elas vendiam, se era para comprar novos materiais para trabalhar com outros grupos ou se também elas embolsavam, eu não sei dizer’.

“Lembra também as orientações que recebiam, ‘que se nós não tivéssemos pasta de dente para escovar os dentes, escovasse com bicarbonato, se nós não pudéssemos ter desodorante que usasse limão, que também saía o cheiro [...] se fosse nos tempos de hoje eu ia contestar’ e diz que lhes diria que não terem pasta de dente ou desodorante era sinal de

quanto a ‘sociedade é injusta’, mas naquele tempo ‘nós era passivo, a gente não tinha consciência formada, a gente só estava recebendo o que eles vinham dar’” (Sader, 1987 :199-200).

Sobre a mudança que ocorreu, o momento que marca o “mito fundador”:

“Foi um dia, um fim de ano, elas fizeram uma festinha, trouxeram muita coisa [...] tiraram muitas fotos: nós expondo os trabalhos, a gente com as crianças, a mesa, a gente comendo. E o padre Egídio muito de fora, percebendo as coisas e vendo como tudo estava acontecendo. Então nesse dia o padre Egídio achou assim muito ruim a posição delas não se misturarem com a gente assim. Nem retratos com a gente elas tiraram, elas só tiraram da gente”

“Aí ela conta que o padre chegou para as benévolas e disse-lhes que não precisariam mais voltar, porque as mulheres da própria vila tinham capacidade de fazer tudo aquilo por elas mesmas [...]. Terminando o bazar o padre chamou algumas delas e disse-lhes que elas deveriam se reunir e ver se elas poderiam, elas mesmas, decidir se não tinham condições de fazer alguma coisa. E é então que elas começaram a se reunir ‘por elas mesmas’” (Sader, 1987 :199-200).

Segundo o autor, a imagem dos clubes de mães como organizações surgidas da própria base aparece sistematicamente como um traço peculiar dessa forma de associação nos anos 1970. Para ele, essa característica de auto-organização exige uma certa qualificação. Porém, argumenta, apesar de “em boa medida” terem sido os agentes pastorais a propor novos padrões para os clubes de mães, e as auxiliarem, o autor salienta que sua interferência não nega o fato de que aquela efetivamente se tratava de uma organização pela base e feita por elas mesmas. Tanto a realização dos objetivos quanto a sua prática “dependiam do modo pelo qual cada grupo de mães da periferia assumisse sua participação [...] e desenvolve-se (ou não) práticas coletivas que dessem consequência a tudo isso” (ibid. : 2000-202).

O breve histórico do clube de mães apresenta-se como exemplo de que a visão dos *Destinatários* sobre uma iniciativa assistencial pode ser muito diferente daquela do grupo que realiza essa iniciativa, mesmo que este tenha intenções de fazer o bem, e que nem sempre o que é apresentado como doação, auxílio ou benevolência é aquilo que a população atendida necessita para melhoria de condições de vida.

Mais do que isso, esse movimento, que se desdobrou no “movimento do custo de vida”, demonstra o poder mobilizatório e político dessa população:

“Com essa dinâmica, os clubes de mães constituem-se em espaços sociais em que as motivações de seus membros tornam-se pontos de partida para um redimensionamento tanto de aspectos da vida doméstica (na medida em que repensam seus papéis de ‘donas de casa’) quanto de aspectos da vida política (na

medida em que passam a pensar as carências de suas condições de vida como direitos que lhes estão sendo negados)” (Sader, 1987 : 206).

Lógica da escolha, posicionamento e outras realidades possíveis

Toma-se importante salientar que, como qualquer produção simbólica, o discurso jornalístico se apresenta como escolha, como tomada de posição, e que “a lógica da escolha, qualquer escolha, é a exclusão. A seleção feita deixa de lado não só acontecimentos, aos quais não se deu atenção (que portanto não existiriam para a mídia), mas também os enfoques possíveis” (Gomes, 2000 : 83).

Nesse sentido, o que se observa é que a citação da palavra dos entrevistados, num processo aparente de concessão do poder de voz e exposição de opinião, mascara o processo de exclusão e anulação da fala própria de um lugar, ainda que inerente ao processo discursivo. Mais, funciona como recurso de “remetência ao real” que “diz respeito a um sistemático esquecimento da ordem simbólica, e de si próprio como imerso nesta ordem, para enaltecimento de um real como auto-suficiente, como não mediatizado, [...]” (Gomes, 2000 : 24), isto é, uma citação que ao se constituir como elemento de referencialidade ao real, contribui para sublimar as marcas de uma tomada de posição e seleção operada no relato.

E daí a importância de se pensar nas faces que este discurso silencia, ao se considerar que, como retoma Maurice Mouillaud de Georges Didi-Huberman “toda e qualquer visão contém um algo mais que ela própria: o que não pode ou não deve ser visto” (Mouillaud, 1997 : 40), o que se torna fundamental quando se opera com textos que falam em nome da mobilização social, considerando que os discursos ordenam nossas formas ver e agir no mundo (Gomes, 2002 : 27), bem como a relevância adquirida pela mídia na contemporaneidade, especialmente pelo jornalismo, em seu papel na organização e circulação de discursos, conferindo ampla visibilidade e legitimação àquilo que divulga (id).

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. (Introdução ao) **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998.

CAMPOS, André [et. al.] (orgs.). **Atlas da exclusão social no Brasil** : volume 2: dinâmica e manifestação territorial. São Paulo : Cortez, 2003.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência** - aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1986.

FERNANDES, Rubem César. “O Que é o Terceiro Setor”. IOSCHPE, E. B. (org.). **Em: 3º Setor desenvolvimento social sustentado**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo : Edições Loyola, 1996.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo** : discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo : Hacker Editores/Edusp, 2003.

_____. **Jornalismo e ciências da linguagem** São Paulo : Hacker/Edusp, 2000.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. São Paulo : Ática, 2000

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem** Portugal : Edições 70, 1994.

LÉVI-STRAUSS, C. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. Em: MAUSS, M. **Antropologia e Sociologia**. vol. I. São Paulo : Edusp, 1974.

LIESENBERG, Cíntia. **A inserção da imprensa no discurso do terceiro setor**. Análise do Projeto Cidadão 2001 - Correio Popular e da Coluna Social - Folha de S.Paulo. Dissertação de mestrado. ECA/USP, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo : Cortez, 2001.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2000.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas : Pontes/Editora Universidade Estadual de Campinas, 1989.

MOUILLAUD, Maurice. “Da forma ao sentido e A informação ou a parte da sombra”. Em MOUILLAUD, M. e PORTO, S. D. (org.). **O Jornal - da forma ao sentido**. Brasília : Ed. Paralelo 15, 1997.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **A sociedade líquida**. Entrevista com Zygmunt Bauman. Caderno Mais Folha de S.Paulo, (19/10/2003).

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena** - experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 1987.

SALES, Teresa. “Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira”. Em: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº25. Anpocs, 1994.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania**. Editora 34 : São Paulo, 2001.

**Matérias utilizadas na análise
Folha de S. Paulo**

ANDRELLO, Elka; DA GLÓRIA, Adriana. Fotógrafa faz 'retrato social' de mulheres. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 02/08/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.13.

_____. Herchcovitch e a turma de garotos fina estampa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16/08/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.8.

_____. Deficiente cria Ong com cara e coragem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30/08/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.14.

_____. Paula joga com crianças em cadeiras de rodas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20/09/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.14.

_____. Ex-catador de bola ensina tênis de graça. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27/09/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.12.

_____. Estilista vai às compras em bazar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 04/10/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social.

_____. Ex-trafficante vira "ongueiro". **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11/10/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.6.

_____. Mulher de fibra é mãe para doentes e idosos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 08/11/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.12.

_____. Joaquina descobre show de sapateado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15/11/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.12.

_____. Marcos Suzano faz jam em casa de cultura. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29/11/2001. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.14

Correio Popular

MÉRCIO, Jary. Projeto dá um golpe na exclusão social. **Correio popular**, Campinas, 15/08/2001. Primeiro Caderno, p.12.

_____. Advogadas dão lições de cidadania. **Correio popular**, Campinas, 29/08/2001. Primeiro Caderno, p.12.

_____. Aposentada alimenta sonho de crianças. **Correio popular**, Campinas, 05/09/2001. Primeiro Caderno, p.12.

_____. Do caminho das pedras ao da liberdade. **Correio popular**, Campinas, 24/10/2001. Primeiro Caderno, p.12.

Matéria de apoio Folha de S. Paulo

ANDRELLO, Elka; DA GLÓRIA, Adriana. Coluna presta contas do primeiro ano. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 21/02/2002. Folha Equilíbrio, seção Coluna Social, p.14.